

textos

O negro na Revolução Paulista de 32 – Entrevista com Raul Joviano do Amaral

João Baptista Borges Pereira

Ana Lúcia Eduarda Farah Valente

CONTEXTO HISTÓRICO DA ATUAÇÃO POLÍTICA DO ENTREVISTADO

A

transição das décadas de 20-30 (séc. XX) foi marcada por momentos expressivos no plano político-ideológico da vida brasileira, notadamente em São Paulo. Precedendo a era Vargas e o seu Estado Novo, delineia-se nesse cenário a configuração de forças políticas que viam na República uma espécie de decadência nacional. Essa visão, acompanhada de reações antirrepublicanas, vinha de forças políticas que, aliadas à Igreja Católica reacionária, se rotulavam de “pátria nova”. Era um movimento profundamente influenciado, de início, pelo integralismo lusitano e, depois, pelo integralismo nacional, liderado por Plínio Salgado. A salvação do país, segundo a ideologia desse movimento político, estaria na restauração da

Entrevista realizada em meados de 1980.

JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA é antropólogo, professor emérito da USP e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ANA LÚCIA EDUARDA FARAH VALENTE é doutora em Antropologia e professora da UnB.

monarquia. O Brasil deveria ser colocado “sob o reinado da Dinastia Nacional da Casa de Bragança, então representada no herdeiro e pretendente do trono brasileiro, Sua Alteza Imperador Dom Pedro Henrique Afonso Felipe Maria de Orleans e Bragança” (Malatian, 1991, p. 38).

É essa efervescência político-ideológica que marca, nesse período, num aparente paradoxo, a Frente Negra Brasileira (FNB), sob inspiração e comando – ou liderança – do negro Arlindo Veiga dos Santos, professor da Faculdade de São Bento e jornalista do *Correio Paulistano*. A FNB começa a se autodesconstruir com a chegada às suas fileiras de limitantes negros ideologicamente situados à esquerda. Por sua vez, é da FNB que nasce a Legião Negra, que participou da Revolução de 32 e teve como um dos seus líderes Raul Joviano do Amaral, personagem da entrevista que se segue, realizada em meados dos anos 80 (do século passado). Joviano do Amaral, advogado e oficial do Exército, além de militante, foi, ao lado de outros nomes expressivos dessa “velha liderança”, informante precioso para que os professores Roger Bastide e Florestan Fernandes pudessem desenvolver, na USP, o famoso projeto da Unesco, nos meados da década de 50.

JB – Raul, você participou da Revolução de 32? Em que qualidade?

Participei. Eu era naquele tempo tenente. Hoje sou major.

JB – O que aconteceu? Qual foi o impacto da Revolução no meio negro? Já havia um meio negro?

Já.

JB – Você estava ligado à Frente Negra Brasileira (FNB)?

Completamente ligado. Houve um impacto muito grande no meio negro. Agora eu vou dar um pouco de razão para Ana Lúcia – a Frente Negra era também uma sociedade conservadora com um braço para a esquerda e outro para a direita. A direção da FNB decidiu não tomar parte na Revolução de 1932. Mas não proibiu que os negros participassem. Então, o dr. Joaquim Guaraná de Santana, um mulato, negro ilustre, era ligado

ao então coronel Góias Monteiro. Então ele fundou a FN Socialista e convidou os negros para ingressar. Muitos negros socialistas foram para lá realmente. Alguns estão vivos e ainda podem falar. Santana conseguiu um grupo para apoiar a Revolução. Foi esse grupo que se constituiu na Legião Negra Brasileira. Alugaram ou o governo deu a chácara do Carvalho para proceder ao alistamento. Eu estava no CPOR, era aspirante a oficial. Entusiasmei-me também porque minha ideia é que só precisávamos de uma Constituição, e isso me assoberbou um pouco. Fui chamado como tenente porque tinha algum conhecimento militar para a Legião Negra.

JB – Você não escolheu a Legião então?

Não. Foi ela que me escolheu!

JB – Você foi convocado enquanto pretendente a oficial do CPOR?

Sim, é verdade. Então fui para lá e comecei a dar instrução, preparar o grupo para isso, aquilo, dentro daquilo que eu sabia. Depois fomos para a frente com aquele entusiasmo. A negrada foi mesmo com uma vontade louca, sem armamento, sem fardamento que correspondesse. Fomos e começamos a vencer, vencer para trás. Mas eu acho que a Revolução Constitucionalista causou uma decepção muito grande, principalmente no povo paulista. Pena que em todas as épocas, em todas as guerras, sempre há um elemento oculto que você só vai descobrir bem depois daquela explosão de entusiasmo. Eu principalmente fiz as minhas elucubrações vendo que aquilo não passou de um grande golpe de uma sociedade que estava em decadência e que precisava se erguer. Mas isso só vim a ver uns 10, 15 anos depois.

JB – Você acha que a Legião Negra recebeu o mesmo tratamento que os brancos?

Não. Houve discriminação.

JB – Houve discriminação? Em que termos?

Houve discriminação em todos os termos. Um exemplo – as senhoras brancas faziam coleta de material para mandar para os *fronts*. Para as tropas de elite, era tudo do bom e do melhor. Para a negrada, ia o que sobrava. As fábricas de cigarro manda-

vam cigarros para as tropas. Os bons ficavam com os brancos, para nós só chegavam os “mata-peito”. A fome, a mesma coisa. Você lá recebia biscoito que precisava de uma pedra para arrebentá-lo (...). Eu digo porque tenho colegas em outros batalhões que me contavam o que acontecia. E assim, tudo. O pior setor da luta foi dado à Legião, ia daqui até o Rio de Janeiro. Exatamente onde os aviões passavam. Naquela época eram chamados de “vermelhinhos”. Sabe qual era a nossa defesa? Se contar, você vai dar risada! Nós não morremos todos porque o exército do lado de lá não quis. Porque nós só tínhamos catracas. Nós tínhamos um monte daquelas que eram de virar, sabe?

AL – Vocês faziam barulho como se fossem metralhadoras?

[Imitando o barulho.]

AL – Gente! Só faziam barulhinho de metralhadora! Só barulho!

O que nós tínhamos eram fuzis de 1908 que serviam para ilustração dos tiros de guerra. Essas armas velhas foram todas para nós.

JB – A oficialidade era negra?

A maioria. O comandante não. O comandante era um branco muito bom por sinal, mas negreiro, não gostava de negro. Tinha, ainda, o capitão Arlindo, que era capitão do corpo de bombeiros; o capitão Salgado, todos brancos. Enfim, tínhamos vários comandantes brancos que passaram pelo mesmo problema.

JB – Quantos combatentes compunham a Legião Negra?

Não calculo. Só sei que era legião mesmo.

JB – Legião não é uma nomenclatura militar?

Não. Para comandar era um coronel, coronel do exército.

JB – E o nome “Legião Negra” foi escolhido pelos próprios negros, ou foi a eles atribuído?

Soldados e oficiais da Legião Negra, que teve papel relevante na Revolução de 32



Não sei. Eu tenho a impressão, embora tenha pertencido à Legião Negra depois de ela se transformar em sociedade civil, que foi sugestão do Guarará de Santana ao general Góis Monteiro.

JB – Depois essa Legião transformou-se numa sociedade civil?

É.

JB – Existe até hoje?

A Legião tinha uma assistência judicial, prédio para fazer sede, mas depois foi caindo, caindo, até desaparecer. Todo ano sou convidado para desfilar quando se comemora a Revolução.

JB – O Florestan Fernandes fala sobre a Frente como se tivesse milhares de pessoas. Agora é como se a FN não tivesse deixado nem vestígio. Então pergunto a FN era tão grande assim ou se exagerava? Por que desapareceu tão depressa? Por que, se o negro, num momento, teve condição de aliciar tanta gente, agora não consegue mais? Nem antes e nem depois? O que a FN tinha de especial? Eu não entendo...

Não é só você. Eu também não entendo, tenho conversado com muitos cientistas sociais que

têm estudado o negro. Eles não chegam a nenhuma conclusão e vêm me perguntar. Olha, professor, o negócio é o seguinte – a Frente nasceu de um impulso, onde compulsões de todos os lados atingiam o negro. Ele tinha uma situação tremendamente acachapante que foi o *crack* do café. Então, estava numa situação econômica terrível. Nessa época, a negra trabalhava para o homem, que ficava em casa porque não tinha serviço. Acontece que uma série de atividades esquerdistas empurrava o negro para uma revolução. O negro não se deixou lograr. Embora tenhamos alguns remanescentes dessa época, eu dou os nomes, são pessoas amigas e ilustres. O Arlindo Veiga dos Santos era um deles.

JB – O Arlindo Veiga estava nesse grupo? Ele está vivo?

Não, morreu há dois anos. A Faculdade São Bento prestou-lhe uma homenagem das mais significativas. Ele era professor lá.

JB – Estive na reunião da Miriam com o filho dele.

Não, ele era solteiro, você o está confundindo com o Lucrécio.

Batalhão da Legião Negra



JB – E o Lucrécio estava nesse grupo?

O Lucrécio só chegou em 35. Entrou na Frente e foi logo candidato da esquerda democrática. Mas o Arlindo foi um grande mestre. Ele era o chefe da FNB. Então, aqui em São Paulo, houve uma coisa curiosa. Na época atual o bonito é motel em todos os cantos. Naquela época o modismo era *rink*. No Largo do Arouche, onde hoje está um cinema, havia um dos *rinks* mais famosos, que tinha o nome de Rinquê de Patinação Luísa. A negrada foi para lá e foi barrada. Uniram-se, então...

[Raul lê um texto escrito que será publicado sobre os grupos negros.]

AL – Olhe essas fotos. Esses negros fundadores não eram negros diferenciados, não eram já uma elite?

JB – Eu acho que sim, uma classe.

AL – Você está falando que eram negros desempregados, mas suas roupas são sofisticadas.

Eram negros desempregados, passavam fome inclusive. Mas a roupa era uma tradição da época. Certo formalismo. Quer ver vocês darem risada? Quando se fazia uma solenidade, a gente era obrigado a ir de gala. Como é que o negro ia? De calça branca, paletó preto e gravata-borboleta. Pa ele, estar assim era ser elegante. Mesmo passando fome.

AL – Voltando um pouquinho na conversa, por que havia gente da Frente que não participava da Legião?

Porque a Legião só apoiava São Paulo na Revolução, e a Frente tinha caráter nacional.

JB – A Ana tem razão. Nessa época existia certa sofisticação. As mulheres negras eram bem cuidadas.

AL – Por isso a minha pergunta, se eles não eram uma elite, como se vestiam assim?

Eles eram negros comuns. A gente é que lhes ensinava como se vestir, como se calçar.

AL – Existiam certos padrões de classe média?

Classe média, vamos dizer, por exemplo, que tinha que fazer reuniões. Nas reuniões, eram dadas instruções ao pessoal todo, aos frequentadores, que eram muitos.

AL – Raul, era a mesma coisa que agora, a maior briga quando junta um punhado de gente?

Não, na Frente não. Eu tenho muitos documentos, jornais, que mostram isso.

AL – O que tinha de especial naquela época, quando as divergências não apareciam?

Eu vou chegar lá. É o seguinte – a FN tinha 50 mil sócios. A FN foi, como eu disse, um marco, e esse marco começou a crescer com essas desavenças que aconteceram no Cine Luiz Gama, que desencadeou a reação da negrada. Eu vou lhe explicar e você vai entender. Eu vou à Câmara Municipal com outros negros. Como o professor me conhece, ele me trata bem, mas o outro diz – “O que você quer?”. Esse sujeito que não foi bem tratado sente-se revoltado (“Por que tratou aquele bem e eu não?”). Isso fez e faz com que os negros sofram. Naquela época todos estavam desempregados. O Arlindo Veiga dos Santos era professor no São Bento e só tinha uma calça e um paletó. Ele era chefe de um movimento internacional, e só tinha uma calça, um paletó e um sapato desbeçado. Tanta dificuldade até com a alimentação. Isso fez com que o negro se unisse. Todos sofriam a mesma coisa, mas, com o desenvolver do tempo, o negro foi se preparando. Uma pequena parcela conseguiu uma posição. Então ele não vê mais a coisa como via enquanto fazia parte daquela massa. É o que estava dizendo. Eu entro em qualquer lugar porque me conhecem ou desconfiam que seja alguma coisa. Mas entra outro e lá vem a pergunta – “O que você quer, negro?”.

JB – Mas as más condições, o desemprego, o subemprego continuam a mesma coisa. E por que isso não é elemento aglutinador dos negros hoje? Alguma coisa é diferente atualmente?

Há muitas coisas diferentes.

AL – O quê? O grupo negro está melhor do que antes, ou o grupo a que você pertence é diferente? Você é um negro bem-educado.

Não, eu pertencço a todos os grupos.

AL – Mas você é um negro bem-sucedido.

Vou lhe dar um exemplo de como as coisas mudaram. Para você ter uma ideia, naquele tempo eu era o advogado. Hoje, em qualquer “bodegazinha”, você encontra um negro advogado. Houve, então, um crescimento. Cultural e econômico também.

JB – Tenho a impressão de que na década de 30 a ideologia da democracia racial não estava bem delineada. O negro estava ainda amortecido. Essa ideologia se fortaleceu a partir da era Vargas.

Até 1930, democracia não existia. Existia república. Então, todo negro era republicano. Pobre, mas republicano. A partir de 30, todas as ideologias começaram a funcionar, então a gente passa a ter classe, cor, ideologia, vaidade. Por isso que eu digo para deixar de lado a vaidade. Faço sempre apelo à consciência. O homem chega a um estado de consciência em que ele vê essas coisas, então ele pode sacrificar determinado ponto de vista para atender ao ponto de vista geral do grupo, da negrada.

AL – Mas é difícil, Raul?

Não é difícil, não! Isso você vê em todas as atividades. Na família – você deixa de almoçar para dar comida para seu filho. Você está consciente de que está deixando de almoçar e que aquele seria o seu prato e assim sucessivamente. Nós vamos chegar a esse ponto. Já estamos chegando. Vou lhe dar um exemplo – eu pertencimento a vários grupos negros, a várias áreas da vida.

AL – Por que esse pertencimento a vários grupos e tendências?

Porque eu sou um elemento que congrega. Eu agrego os elementos. Eu já lhe contei. O Geraldo Campos é integralista até hoje. O Lucrécio é esquerdista até hoje. O Leite é esquerdista até hoje. O Ary é “comuna”. E eu me dou com todos eles da mesma maneira.

JB – Como você se situa?

Eu me sinto numa situação difícil. A minha definição é difícil. Minha situação é acima e além dos grupos, acima e além dos partidos.



Reunião da Frente Negra Brasileira, primeiro partido negro do Brasil, em São Paulo, 1932

JB – Ideologicamente, como é...

Acima e além das ideologias. Minha ideologia é uma só.

JB – Lutar pelo negro...

Eu fui convidado agora para chefiar uma campanha ganhando milhões. Não decidi ainda.

JB – Como é que você explica negros monarquistas?

Influência da época. Hoje não tem monarquia. Era bonito ser monarquista. É a mesma coisa – você é professor na universidade. Eu quero ser professor, mas não quero sofrer o que já sofri. Eu só quero ser.

JB – É só o rótulo?

Isso. Pegar o livro e ler, não almoçar e ler no trem, no ônibus, isso ninguém quer. Como o dr. Arlindo era o chefe da monarquia para ser agradável ao poder. Tem um círculo vicioso.

JB – O Arlindo, quando estava na FN, já era monarquista?

Já. Era fundador, junto com o Pagano, responsável pelo *Correio Paulistano*, historiador da vida do Arlindo. Eram dois irmãos. Mas o Arlindo é que era o chefe nacional do movimento monarquista.

JB – É por esse motivo que deram ao clube dos negros o nome de Aristocrata?

Aristocrata Clube. Eu sou um dos fundadores. Só não fiquei depois de fundado o clube por causa

do nome. Eu argumentei – “Que aristocracia nós temos?”. Se vierem aqui, vão ver que estamos na senzala ou no mato. Mas minhas filhas frequentaram o clube há uns dez anos. É um clube forte. É um clube que procura selecionar a elite, a meia-elite e a pseudoelite negra.

JB – Mas é forte no sentido de que tem patrimônio? Tinha um jornalzinho chamado *Saci*, fundado pelo Osvaldo. O Aristocrata continua funcionando? Onde?

Ele tem sede própria. Na Rua Álvaro de Carvalho. O presidente era o Raul dos Santos. Ao Raul, sucedeu o Caminha. Ano passado houve eleição, subiu esse rapaz, de que não lembro o nome, mas é aquela briga. Ele é doutor e constituiu uma diretoria só de doutores. Aos que não são doutores, tchau. É aquela eterna história.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Carmen Silvia B. de F. *As Vozes do Passado no Presente – Memória e Movimento Negro (Estudo de Caso: a Legião Negra em Marília)*. Dissertação de mestrado. Franca, Unesp, 1996.
- FIGUEIREDO, Euclides. *A Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Martins/SEC, s/d.
- LEITE, José Correia e Cuti. *E Disse o Velho Militante José Correia Leite*. São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1992.
- LUCRÉCIO, Francisco. *Memória de um Militante da Frente Negra Brasileira*. Inédito, 1987.
- MALATIAN, Teresa M. *O Cruzador do Império*. São Paulo, Contexto, 1991
- PAULA, Jeziel de. *1932 – Imagens Construindo a História*. Campinas, Unicamp/Unimep, 1999.

